



ENTRE O SABER TÉCNICO E A EXPERIÊNCIA VIVIDA – CONEXÕES ENTRE ADOÇÃO DE CRIANÇAS E USO DE TECNOLOGIAS REPRODUTIVAS CONCEPTIVAS^{1, 2}

Martha Ramírez-Gálvez

Universidade Estadual de Londrina - UEL

CTeMe/Unicamp

marthacerg@gmail.com

Introdução

Optar pelo uso de modernas tecnologias reprodutivas conceptivas ou pela adoção de uma criança para superar uma infertilidade indesejada não constituem opções necessariamente antagônicas. Estas podem ser, inclusive, em alguns casos, concomitantes. Colocar em perspectiva estas duas possibilidades tem como objetivo explorar a relação entre cada uma delas e analisar os possíveis efeitos de um campo sobre outro. Cada um destes campos oferece amplas possibilidades de análise e, assim mesmo, a relação entre os mesmos pode ser focalizada a partir de diversos ângulos. Proponho para efeitos de esta apresentação considerar a percepção de uso da Reprodução Assistida (RA) a partir da relação de usuárias/os, ex- usuárias/os ou potenciais usuárias/os com a mesma, dando espaço para a exploração dos pontos de inflexão nos quais a RA e adoção parecem dialogar.

Tal diálogo foi abordado em trabalhos anteriores a partir de outros ângulos e utilizando diversas fontes de informação, procurando observar os possíveis desdobramentos ou usos inesperados da tecnologia (Ramirez-Gálvez, 2010; no prelo). A RA, em caso de infertilidade involuntária, parece ocupar um lugar cada vez mais comum na sociedade contemporânea, ainda que seu uso não necessariamente resulte no nascimento de um bebe. Ponderando as baixas taxas de sucesso desse tipo de tratamento

¹ Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador (BA), Agosto de 2011 - GT 82: Tecnologia e Vida Contemporânea.

² Este artigo faz parte do projeto de pesquisa “Sujeições tecnológicas e identidade na Reprodução Assistida”, financiado pelo CNPq.



e a extensão de seu uso resulta pertinente considerar as inovações de tecnologias reprodutivas como muito mais do que formas de produção de bebês.

As diferenças entre leituras genéticas, biológicas e sociais, assim como as transformações na relação natureza/cultura derivadas das próprias mudanças que a cultura, através das tecnologias, entre outros meios, introduzem no domínio biológico, possibilitam pensar os fundamentos sociais, históricos e ideológicos que servem de substrato a nossas instituições e práticas culturais (GRAU REBOLLO, 2004). Considera-se aqui que uma abordagem da ciência e da tecnologia deve envolver a análise de conexões e deslocamentos de aspectos sociais, no caso específico, concomitantes à incorporação da biotecnologia na concepção de filhos. Isto implica, como considera Latour (2000), realizar análises não centradas no social ou na tecnociência, mas nas relações entre estes dois pólos, considerando-os de maneira simétrica e observando as conexões entre eles. Tais conexões não são apenas apreciadas em laboratórios, mas podem e devem ser analisadas fora deles.

É necessário, portanto, pensar métodos de pesquisa que possibilitem “perseguir” as formas, atributos, funções, desvios de função que o uso de tecnologias, por exemplo, adquire nas práticas sociais. Trata-se de acompanhar os modos como esses processos são produzidos e atualizados, o que envolve a integração entre ciência-tecnologia-sociedade e não a sua separação, observando as diversas maneiras como elas se articulam e permeiam o cotidiano das pessoas de diferentes formas.

Conexões entre reprodução técnica assistida e adoção de crianças em comunidades virtuais

A relação entre uma e outra opção para ter descendência parece emergir com clareza e fluidez nos fóruns de discussão de comunidades virtuais sobre adoção e RA. Embora para a identificação dessas comunidades tenham sido empregadas palavras-chave associadas a esse dois campos, elas parecem ser definidas, mais propriamente, a partir da identificação de dificuldades para ter filhos “naturalmente”³. Em princípio,

³ O uso da ideia de “natureza” torna-se cada mais complicado, em função dos vários deslocamentos que tal conceito têm, especificamente, ao considerar o campo da reprodução medicamente assistida (Cf.,



procurei tais comunidades com o objetivo de explorar e documentar o abandono, a resistência ou a não contemplação de soluções médico-tecnológicas à falta involuntária de filhos. Ao procurar comunidades virtuais sobre adoção e ter acesso às conversas públicas e disponíveis, travadas espontaneamente entre os/as participantes, observei um campo profícuo de informações que orientaram algumas das reflexões que ora apresento.

Embora delimite esta apresentação a algumas reflexões surgidas da análise de comunidades virtuais, devo afirmar que as mesmas não constituem uma única e principal fonte da pesquisa, mas um espaço que julgo difícil de ser ignorado para a compreensão de alguns fenômenos sociais contemporâneos. Optar por procurar informações em comunidades virtuais é, também, resultado de formulações teóricas como as de Paul Rabinow, que analisa o processo de biossocialidade, no qual se configuram, entre outros fenômenos, redes de circulação em termos de identidades articuladas em função de alguma “deficiência”. Esta última é entendida como “qualquer condição física, mental ou situacional que produza fraqueza ou problema em relação àquilo que é considerado normal; o normal é definido como a média de capacidades e chances da maioria dos indivíduos da mesma sociedade” (BLOCH-LAINE, *apud* RABINOW, 1999, p. 145-6).

Fazer campo na internet trouxe algumas questões para a pesquisa antropológica que têm sido analisadas por vários autores (RIFIOTIS, 2002; MAYANS I PLANELLS, 2002; DORNELLES, 2004; ESCOBAR 2005). Como afirma Jeolás (2010), a observação participante no ciberespaço não deve ser considerada como um pressuposto geral, mas deve ser avaliada em função do tipo específico da pesquisa. A esta consideração, pode-se agregar que a necessidade de interação também deve ser ponderada em função do momento no qual se faz a inserção deste tipo de campo na pesquisa e para quais propósitos.

STRATHERN, 1991; 1992). Neste caso particular, uso “natural” para me referir à reprodução biológica resultante de um coito heterossexual entre duas pessoas que desejam procriar, sem precisar nenhum tipo de intervenção médica, tecnológica ou medicamentosa.



As comunidades do Orkut são pontos-chave na rede, mas nem todas são espaços de debate, e nem sempre seus numerosos membros tem uma participação efetiva. Nas comunidades localizadas pelo Orkut selecionadas para esta pesquisa⁴, o número de participantes efetivos nos “fóruns” era pequeno, comparado ao número de membros. Cerca de vinte “perfis” interagem ativamente no interior desses fóruns. Todas as discussões convergentes ou divergentes estavam disponíveis para quem as buscasse na rede. Como aparece explicitado numa destas comunidades: *“esta é uma comunidade pública. Você é o único responsável pelo que escrever aqui. Pedimos que por precaução não mencione datas, nomes ou locais específicos”*, garantindo-se desse modo o anonimato das pessoas participantes, embora as conversas sejam públicas. Todavia, a maioria das pessoas participantes nos fóruns de discussão se identificou e manteve contato por períodos prolongados. O número de comunidades sobre FIV (*Fertilização In Vitro*) é grande. Numa busca rápida com a sigla foi possível encontrar quarenta e oito comunidades sobre o tema. No entanto, quando a palavra-chave é adoção, os resultados passam de mil.

Uma das questões que chama a atenção é a funcionalidade do “mundo virtual” como ferramenta de socialidade na atualidade. As pessoas interagem nas comunidades e mantêm contato por períodos prolongados, relatando suas experiências, o processo de espera tanto do resultado de uma RA como de adoção; procuram conselhos, informações, desabafam, manifestam reações emocionais, procuram compartilhar e apaziguar a “ansiedade” dividindo sua experiência com quem já teve um sofrimento similar, constituindo não somente redes de socialidade, mas também de solidariedade: *“nunca contei minha história a ninguém, mas vejo que nossos casos são muito parecidos. Nós podemos nos ajudar. Somente quem conhece esta Dor sabe como é”*.

Nos fóruns de discussão das comunidades analisadas é possível encontrar usuárias de serviços públicos, hospitais-escolas ou de centros privados, atendidas por

⁴ Na busca foram usadas combinações das seguintes palavras-chave: adoção, FIV, reprodução assistida, tentativas, tentei, desisti, não consegui. A pesquisa nas comunidades virtuais foi iniciada em abril de 2010. Nas postagens citadas ao longo do texto, somente foram corrigidos erros de digitação e de acentuação.



médicos bastante conceituados no país. Neste contexto, alguns marcadores sociais parecem não ter maior relevância, pois o que unifica o grupo, embora integrado por homens e mulheres, é o fato de serem mulheres que partilham o sofrimento associado à ausência involuntária de filhos: “*só quem vive esta situação, é capaz de entender o que sentimos*”. Em outro fórum de discussão: “*só quem passa por essa situação pode entender tudo isso... E vocês realmente sabem do que to falando*”.

Não obstante, parece-me importante observar que estas comunidades, assim como os grupos de apoio a adoção, analisados em outro momento (Ramírez-Gálvez, 2007; no prelo), não constituem apenas espaços para compartilhar a dor, a ansiedade e a frustração, mas também formas de validação de outro campo de expertise, no qual a revalorização do saber dos sujeitos adotantes, fundamentado na experiência, parece se tornar muito mais expressivo do que um saber científico. Tal questão torna-se evidente quando observamos o campo da RA, dominado por um conhecimento altamente técnico e especializado, no qual o próprio uso de uma linguagem técnica deixa à margem o grupo de usuários/as, considerados/as pacientes dentro da lógica medica dominante. Ao observar as comunidades virtuais selecionadas para esta análise, arrisco afirmar que se procura neles a experiência de outras mulheres e/ou casais que decidiram não fazer ou abandonar procedimentos de RA e que conseguiram, bem seja engravidando ou adotando, colocar fim a sua situação de liminaridade (FRANKLIN, 1997).

Tanto nos grupos de apoio à adoção, quanto nas historias registradas nos processos de pessoas habilitadas para adoção, assim com em entrevistas realizadas com mães/pais que adotaram, conhecer historias bem-sucedidas de adoção se torna um aspecto importante para a decisão de adotar. Tal necessidade para ser satisfeita por estas comunidades virtuais:

Pode ter certeza que a maior parte dos casais inférteis desta comunidade conhece esta opção [RA], mas por questões pessoais optaram pela adoção. (...) Portanto, a adoção de embriões não garante a gestação. Fora o desgaste psicológico, né? Quando eu decidi adotar, já tinha passado pela fase de luto de não poder gerar. Não sonho mais com a modificação do meu corpo, parto e aleitamento. Já não ligo de saber que ninguém vai dizer que a criança é a minha cara, deixei meu ego de lado e



tudo que quero é poder amar um filho, não importa se for gerado por outra mulher.

Passei pelo processo de fertilização in vitro cinco vezes... e posso garantir que é tudo muito dolorido.. física e emocionalmente. Antes de passar por isto já sonhava em adotar!!! A adoção envolve outros sentimento que simplesmente ficar grávida.

Também passei pela experiência de Fertilizações in vitro, e confesso [que] mais doloroso do que pagar uma fortuna em torno de 10 mil reais é a tortura e o desgaste psicológico do tratamento em si, doses altíssimas de hormônios e pressão de não vingar o embrião.... Se posso dedicar minhas economias suadas para estas tentativas porque não investir este dinheiro no futuro do meu filho?.... O amor que eu tenho pra dar vai nascer do meu coração e não da minha barriga, este foi o motivo que conscientizou a mim e meu marido a querer nosso filho através da adoção.... particularmente o meu desejo de ser mãe é maior do que ver uma barriga crescer.

.... eu mesma optei por NÃO FAZER A FIV pelo fato de não querer deixar meus embriões congelados, esquecidos e descartados. Na minha opinião (desculpem-me os que pensam diferente, eu respeito) a medicina tem ajudado a humanidade imensamente, principalmente nas últimas décadas, mas acho que TUDO TEM LIMITE. Não sou uma pessoa ignorante e avessa aos avanços atuais, aceitaria com prazer ajuda médica, mas até certo ponto. Não consigo imaginar meus futuros filhos (material biológico como foi mencionado ou até expectativa de vida) congelados, aprisionados em óvulos fertilizados abandonados á espera de uma outra tentativa de IFV(se necessário) ou mesmo os anos se passarem e perder sua finalidade. Esse foi um fator decisivo por mim e meu marido quando decidimos partir para a adoção. O preço que iríamos pagar pra ter um filho com nosso material genético era muito alto a ser pago. Optamos pelo amor incondicional que temos a oferecer a uma criança que tenho esperança que um dia irá fazer parte de nossa família. Abraços a todos. (ênfase da própria participante no forum)

Ter um filho biológico e/ou ter um filho adotivo não constitui, necessariamente, opções antagônicas para muitas pessoas. O antagonismo surge mais em função de um exercício analítico que visa colocar em perspectiva o discurso sobre tecnologia



reprodutiva. A adoção de crianças sempre foi, é, e continuará sendo uma possibilidade de maternar/paternar para pessoas com ou sem problemas de fertilidade. No entanto, tal questão não invalida a exploração da relação entre este universo e o da RA, particularmente, a observação de como um campo penetra o outro. Trata-se de abordar a percepção da tecno-ciência a partir da relação das/os usuárias/os ou potenciais usuárias/os com a mesma, dando espaço para a exploração de uma perspectiva crítica de esse universo. Isto é, em contraposição a uma postura passiva, na qual o médico ou a própria técnica parece se autonomizar, sendo o especialista o agente que coloca o limite de até aonde ir na procura da realização do desejo do filho biológico (CORRÊA, 2001).⁵

Fiz uma inseminação, duas fertilizações in vitro, com dois médicos muito conceituados, e deixei duas pagas que desisti de fazer. Passei pelas tristezas das tentativas frustradas, tive dois nódulos na tireóide, e engordei com a imensa quantidade de hormônios de cada tratamento. Após adotar minha primeira filha, entendi que o importante é ser mãe, não engravidar. Tenho amigas que desenvolveram tumores na tireóide, útero e ovário em função das agressões que esses tratamentos acabam causando. Acho que temos até que viver essa experiência, temos que tentar, mas mais do que tudo temos que entender que DEUS tem outros métodos de nos fazer pais. Hoje com seis filhos, após duas adoções, a primeira em 1999, e a segunda de cinco irmãos em 2002, eu posso afirmar, que essa é a família que eu tinha que ter, e lá em cima, sabiam que eu jamais engravidaria, pariria, e amamentaria tantas vezes...

Nestas comunidades, nas quais é possível ter acesso a discussões espontâneas que relatam experiências em um e/ou outro campo, a tendência é a de privilegiar a experiência de adoção de crianças em detrimento do uso de técnicas contraceptivas, principalmente em função do gasto econômico, físico e psicológico com o risco de permanecer na mesma circunstância (sem filhos). Tanto nestas comunidades, como nos grupos de apoio a adoção e nas entrevistas com pessoas adotantes (Ramirez-Gálvez, no prelo) é recorrente o fato de se mencionar que, ao contrário da incerteza do resultado do

⁵ A centralidade do poder médico é amplamente problematizada por diversas autoras, especialmente numa perspectiva feminista.



uso de tecnologias reprodutivas concepcionais, o processo de adoção, embora demorado, é mais garantido porque se pode ter convicção de que o filho chegará. Interessante observar que esta expectativa é sustentada em desígnios divinos ou na determinação do destino, contra o qual não se deve lutar.

Acredito que Deus me reserva algo, não sei se via natural ou por adoção mas algo ele me reserva, pois temos amor pra dar e ele vai me guiar.

Que Ele nos ajude a confiar no curso natural da vida, a enxergar nossos caminhos para a maternidade e a tirar das nossas costas o peso de um sonho que não depende apenas de nós para se realizar.

Decidi colocar minha vida, meu sonho de ser mãe definitivamente nas mãos de Deus. Talvez eu ser mãe neste momento não é o propósito dele para mim e eu demorei a entender isso. Se um dia Ele quiser, Ele vai me dar o bebê que tanto sonho, mas somente se Ele quiser porque não vou mais me martirizar por uma criança que desejo, mas não vem. É muito dinheiro gasto, muita lágrima derramada, muitas outras coisas deixadas de lado por uma luta inglória.

Sei que já havia um plano espiritual para que viessem dessa forma. Não sei se já pensa na opção de adoção eu mesma dizia, se não engravidar, também não adoto. Mas há escolhas que fazemos outras a vida faz pela gente.

Mesmo que não venha de meu ventre, virá de meu coração e nós já o amamos. Sei que Deus está preparando nosso filho para o grande encontro, talvez já tenha nascido e esteja só esperando por nós, ou ainda vá nascer, não sabemos, mas quando a hora chegar, estaremos prontos para recebê-lo em nossa vida!

Posso dizer que a maternidade e a paternidade se realizam de uma maneira tão impressionante, tão avassaladora, que eu cheguei a agradecer a FIV não ter dado certo. Se eu tivesse engravidado, provavelmente, não teria conhecido essa pessoa tão especial que é a nossa filha.



No entanto, se ter filhos biológicos constitui uma limitante, observa-se a permanência ou a realização de um desejo de maternidade/paternidade, entendido a partir de uma ética do cuidado que aparece altamente valorizada nesse contexto, em detrimento da valorização da experiência corporal da gravidez. O fracasso da técnica possibilita outro deslocamento: a naturalização do desejo de cuidado, desatrelado da capacidade corporal para conceber e/ou gestar.

Hoje se pudesse voltar no tempo não passaria por estes tratamentos de fertilização assistida, a cada tentativa frustrada é uma tristeza, é um sentimento de incapacidade, mas aprendi que devemos respeitar os limites impostos pelo nosso corpo, porém quanto aos limites do coração, ao desejo dentro dele de ser mãe, para esse sentimento gostoso ao qual sinto hoje quando escuto "mamãiiiiiii" não tem preço e nem limites.

Desisti de gravidez, não de ser mãe.

Ver a barriga crescer é um mero detalhe.

Descobri com adoção que os filhos não saem da gente, e sim entram em nós

Algumas ponderações finais

O que interessa destacar desta breve análise, e que se tornou mais evidente no contexto das comunidades virtuais, nas quais a relação entre as duas possibilidades é colocada de maneira fluida e espontânea, é que o agenciamento dos sujeitos pode ir desde a recusa do uso de tecnologias reprodutivas, por diversos motivos, até a posição ativa na demarcação de um limite para sua utilização, que lhes permita preservar a autonomia e a realização de um cálculo de risco por eles determinado e não pela “coisa objetivada” ou pela espiral tecnológica. Desse modo, o limite, pelo menos nos casos identificados nesses grupos, não é determinado pelo especialista ou pela própria restrição tecnológica.

Considero importante pensar o campo social como uma arena de tensões na qual é possível observar as diversas posições que as mulheres ocupam frente ao uso dessas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tecnologias, assim como as diferentes interseções nas posições dos sujeitos que o constituem. No caso da RA é importante considerar as mulheres nas suas diferentes interseções sociais e não apenas na sua adesão a discursos hegemônicos. Tais interseções nos permitem apreender os significados e contradições associadas às transformações tecnológicas da reprodução. Observa-se uma revalorização do saber dos sujeitos adotantes, nos quais não predomina um saber técnico, mas o saber auto-referenciado, da experiência vivida, constituindo-se, desse modo, em agentes na construção da subjetividade de pais/mães adotantes.

Compreender os efeitos reestruturadores desse processo e analisar narrativas de pessoas que, usando ou não tecnologias reprodutivas, optaram pela adoção de crianças, permite colocar em relevo o exercício do cuidado de um filho como uma experiência gratificante e satisfatória. Estas pessoas acabam, inclusive, assumindo uma posição ativa em espaços, como grupos e comunidades virtuais, de apoio à adoção, mas que parecem estar à margem dos discursos hegemônicos transmitidos, por exemplo, nos meios de comunicação. Em tais espaços, elas se constituem em agentes na construção da subjetividade de pais/mães adotantes, em que o apelo à técnica não é considerado ou seu uso reiterativo é questionado. Nesse sentido, torna-se profícuo pensar o campo social como uma arena de tensões entre múltiplos centros de poder e de resistência (SAWICKI, 1991) para analisar as diversas posições que pessoas com problemas de infertilidade ocupam frente ao uso dessas tecnologias. Vale também observar as diferentes interseções nas posições dos sujeitos que constituem esse campo, o que permite apreender os significados e as contradições associados às transformações tecnológicas da reprodução.

Bibliografia

CORRÊA, Marilena. *Tecnologias reprodutivas. Limites da biologia ou biologia sem limites?*. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2001

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 10, n.21, p.241-271, jan./jun., 2004



ESCOBAR, Arturo. Bienvenidos a *Cyberia*. Notas para uma antropologia de la cibercultura. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, n. 22, diciembre de 2005, p.15-53

GRAU REBOLLO, Jorge . Parentesco y adopción. *Adoptio imitatur naturam. ¿Nature vs. nurture?*. *Quaderns-e*. Núm 3, 2004(a). Institut Català d'antropologia. Revista electrònica semestral. Disponível em: <http://www.antropologia.cat/quaderns-e-49>. Consultado em: novembro de 2009

FRANKLIN, Sarah. *Embodied Progress*. A cultural account of assisted conception. London and New York. Routledge: 1997

JEOLÁS, Leila - Pesquisa de campo em comunidades on-line sobre corridas ilegais de rua: velocidade, risco e masculinidade. *Cadernos de Campo*, v.18, p.127 – 143

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedades afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MAYANS I PLANELLS, Joan, "Nuevas Tecnologías, Viejas Etnografías. Objeto y método de la antropología del ciberespacio". Fuente Original: *Revista Quaderns de l'ICA*, 17-18, pp. 79-97, 2002. Disponible en el ARCHIVO del Observatorio para la CiberSociedad en <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=23>

RABINOW, Paul. "Artificialidade e Iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade". In: _____ *Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow*. Organização e tradução de João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RAMIREZ-GÁLVEZ, Martha. *Exclusões e deslocamentos. Reprodução assistida e adoção de crianças*. Relatório de pesquisa. Programa de Formação de Quadros Profissionais (2004-2006), Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP. Julho, 2007

_____. À procura da família – entre o filho “bio” e o adotivo. Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Belém, Pará, Brasil, Agosto de 2010

_____. Inscrito nos genes ou escrito na estrelas?: Adoção de crianças e uso de Reprodução Assistida. *Revista de Antropologia*; no prelo

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do ciberespaço. Questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. *Antropologia em Primeira Mão*, 51. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002

SAWICKI, Jana. *Disciplining Foucault*. Feminism, Power, and the body. New York: Routledge, 1991



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

STRATHERN, Marilyn. Parentesco por iniciativa: a possibilidade de escolha dos consumidores e as novas tecnologias de reprodução. *Análise Social*. Vol.XXVI (114), 1991 (5º), pp.1011-1022.

_____ *Reproduction the future: essays on anthropology, kinship and the new reproductive technologies*. Manchester, Manchester University Press: 1992.

Comunidades pesquisadas:

Comunidade: “GVAA adoção um exemplo de amor ” (44.006 membros)

Comunidade: “historias de adoção” (2.078 membros)

Comunidade: “sou cristão e amo adoção!” (32 membros)

Comunidade: “Endometriose” (722 membros)

Comunidade: “Amigas de adoção na net” (79 membros)

Comunidade: “endometriose sem limites” (1.801 membros)

Comunidade: “GVAA adoção um exemplo de amor” (44.190 membros)